

JORNADAS DE 2013 E A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL: Trajetórias e experiências de jovens ativistas e militantes negras e negros

JOURNEYS OF 2013 AND THE RACIAL QUESTION IN BRAZIL: Trajectories and experiences of young black activists and militants

JORNADAS DE 2013 Y LA CUESTIÓN RACIAL EN BRASIL: Trayectorias y experiencias de jóvenes activistas y militantes negros

JOURNÉS DE 2013 ET QUESTION RACIALE AU BRÉSIL: Trajectoires et expériences de jeunes activistes et militants noirs

Gislene da Silva

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma universidade. Minas Gerais, Brasil.

gislene.silva@sou.unifal-mg.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2581-9675>

Luís Antonio Groppo

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor adjunto da UNIFAL-MG., Minas Gerais, Brasil.

luís.groppo@unifal-mg.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-0143-5167>

Alice Campos Claudino

Estudante da Licenciatura em Ciências Sociais da UNIFAL-MG, Minas Gerais, Brasil.

alice.claudino@sou.unifal-mg.edu.br
<https://orcid.org/0009-0004-4872-083X>

Emanoely Ladeira Sigiani

Estudante do Bacharelado em Ciências Sociais da UNIFAL-MG, Minas Gerais, Brasil.

emanoely.sigiani@sou.unifal-mg.edu.br
<https://orcid.org/0009-0000-5385-5510>

Ana Flávia Custódio Silva

Estudante do Bacharelado em Ciências Sociais da UNIFAL-MG, Minas Gerais, Brasil.

ana.custodio@sou.unifal-mg.edu.br
<https://orcid.org/0009-0008-7066-3105>

Recebido em: 26/05/2024

Aceito para publicação: 18/11/2024

Resumo

O artigo tem como tema as experiências de jovens militantes negras e negros nas Jornadas de 2013 no Brasil, com o objetivo de analisar como essas experiências influenciaram nas trajetórias de tais

militantes. Ele apresenta resultados da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil”, com base em pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas de dois tipos: com pesquisadoras que abordaram as Jornadas em suas investigações; e, mais importante, com 10 pessoas que eram, em 2013, militantes negras e negros atuantes nas Jornadas. A partir de indícios encontrados na fase inicial da pesquisa a respeito da importância da temática racial e do movimento negro nas Jornadas, foi proposto este artigo com base nos resultados das entrevistas com ativistas e militantes feitas pela pesquisa supracitada. Destacam-se, entre os resultados: o fortalecimento do movimento negro no Brasil como um dos frutos das Jornadas de 2013, inclusive em decorrência das experiências de participação de jovens negras e negros neste ciclo de ações coletivas; ao mesmo tempo, as Jornadas, como um momento de subjetivação política, foram fundamentais nas trajetórias políticas de tais jovens negras e negros, que fortaleceram seus vínculos com as pautas raciais e, em número relevante, nos anos seguintes ingressaram ou aprofundaram seu envolvimento com partidos do campo progressista, inclusive vindo a ocupar cargos eletivos – em relativa contradição com o clima de forte crítica aos partidos e ao regime político representativo vivido durante as Jornadas.

Palavras-chave: Jornadas de 2013, movimento negro, pautas raciais, trajetórias políticas.

Abstract

The article's theme is the experiences of young black activists at the 2013 Journeys in Brazil, with the aim of analyzing how these experiences influenced the trajectories of such activists. It presents results from the research “Educational dimensions of the 2013 Journeys in Brazil”, based on bibliographical research and semi-structured interviews of two types: with researchers who approached the Journeys in their investigations; and, most importantly, with 10 people who were, in 2013, black activists active in the Journeys. Based on evidence found in the initial phase of the research, regarding the importance of racial themes and the black movement in the Journeys, this article was proposed based on the results of interviews with activists and militants carried out in the aforementioned research. Among the results, the following stand out: the strengthening of the black movement in Brazil as one of the fruits of the 2013 Journeys, including as result of the experiences of participation of young black women and men in this cycle of collective actions; at the same time, the Journeys, as a moment of political subjectivation, were fundamental in the political trajectories of such young black women and men, who strengthened their links with racial agendas and, in a relevant number, in the following years joined or deepened their involvement with political parties from the progressive camp, even occupying elected positions – in relative contradiction with the climate of strong criticism of parties and the representative political regime experienced during the Journeys.

Keywords: 2013 Journeys, black movement, racial agendas, political trajectories.

Resumen

El tema del artículo son las experiencias de jóvenes activistas negras y negros en las Jornadas de 2013 en Brasil, con el objetivo de analizar cómo estas experiencias influyeron en las trayectorias de dichos activistas. Presenta resultados de la investigación “Dimensiones educativas de las Jornadas 2013 en Brasil”, a partir de investigaciones bibliográficas y entrevistas semiestructuradas de dos tipos: a investigadores que abordaron las Jornadas en sus investigaciones; y, lo más importante, con 10 personas que eran, en 2013, activistas negras y negros en las Jornadas. A partir de evidencias encontradas en la fase inicial de la investigación sobre la importancia de los temas raciales y del movimiento negro en las Jornadas, se propuso este artículo a partir de los resultados de entrevistas a activistas y militantes realizadas en la mencionada investigación. Entre los resultados, se destacan: el fortalecimiento del movimiento negro en Brasil como uno de los frutos de las Jornadas de 2013, incluso como resultado de las experiencias de participación de jóvenes mujeres y hombres negros en este ciclo de acciones colectivas; al mismo tiempo, las Jornadas, como momento de subjetivación política, fueron fundamentales en las trayectorias políticas de tales jóvenes negras y negros, quienes

fortalecieron sus vínculos con las cuestiones raciales y, en un número relevante, en los años siguientes se sumaron o profundizaron su implicación con partidos políticos del campo progresista, incluso ocupando cargos electos - en relativa contradicción con el clima de fuerte crítica a los partidos y al régimen político representativo experimentado durante las Jornadas.

Palabras clave: Jornadas 2013, movimiento negro, agendas raciales, trayectorias políticas.

Résumé

Le thème de l'article est les expériences de jeunes militants noirs lors des Journées 2013 au Brésil, dans le but d'analyser comment ces expériences ont influencé les trajectoires de ces militants. Il présente les résultats de la recherche «Dimensions éducatives des Journées 2013 au Brésil» basés sur une recherche bibliographique et des entretiens semi-structurés de deux types: avec des chercheurs qui ont abordé les Journées dans leurs investigations; et, surtout, avec 10 personnes qui étaient, en 2013, des militants noirs actifs dans les Journées. Sur la base des preuves trouvées dans la phase initiale de la recherche concernant l'importance des thèmes raciaux et du mouvement noir dans les Journées, cet article a été proposé sur la base des résultats d'entretiens avec des activistes et des militants réalisés dans le cadre de la recherche susmentionnée. Parmi les résultats, on peut citer: le renforcement du mouvement noir au Brésil comme l'un des fruits des Journées 2013, notamment grâce aux expériences de participation des jeunes femmes et hommes noirs à ce cycle d'actions collectives; en même temps, les Journées, en tant que moment de subjectivation politique, ont été fondamentaux dans les trajectoires politiques de ces jeunes femmes et hommes noirs, qui ont renforcé leurs liens avec les questions raciales et, dans un nombre important, au cours des années suivantes, ont rejoint ou approfondi leur implication dans des partis politiques du camp progressiste, allant même jusqu'à occuper des postes électifs – en relative contradiction avec le climat de forte critique des partis et du régime politique représentatif vécu pendant les Journées.

Mots-clés: Journées 2013, mouvement noir, agendas raciaux, trajectoires politiques.

Introdução

O artigo apresenta resultados da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”.¹ A pesquisa tem como objetivo geral fazer a análise das dimensões educacionais desse ciclo de protestos no Brasil, as Jornadas de 2013, enfatizando o impacto nas trajetórias educacionais e políticas de jovens que foram ativistas e militantes de organizações e coletivos atuantes nas Jornadas.

Mais especificamente, este artigo tem como tema as experiências de ativistas e militantes negras e negros nas Jornadas de 2013 no Brasil. Seu objetivo é o de interpretar estas experiências e analisar como elas influenciaram nas trajetórias políticas e educacionais de tais ativistas e militantes. O tema nasceu do interesse especial das autoras deste artigo, jovens mulheres negras, estudantes de graduação em Ciências Sociais e mestranda em Educação, que cotejaram suas próprias experiências pessoais e educacionais com os primeiros resultados da presente pesquisa.

1 Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

A primeira fase da pesquisa teve caráter bibliográfico. Ela encontrou, ainda que em poucos textos, relevantes indícios da importância da temática racial e do movimento negro nas Jornadas de 2013 no Brasil – estes textos, além de outros encontrados durante a construção deste artigo, são tratados no segundo item desse artigo. Em sua segunda fase, a pesquisa realizou 18 entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores do campo das ciências humanas que, em suas investigações, abordaram as Jornadas. Nesta fase, algumas entrevistas reforçaram estes indícios e a importância desta temática, ainda insuficientemente abordada nas pesquisas sobre 2013. Elas também são tratadas neste artigo, em seu terceiro item. Três pesquisadoras, em especial, abordaram a temática racial nas Jornadas de 2013, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Pesquisadoras e pesquisadores que concederam entrevistas

Nome	Área	Instituição	Estado	Raça/co r	Data da entrevista
Marília Pontes Spósito	Educação	Universidade de São Paulo	São Paulo	Branca	10/02/2023
Ana Karina Brener	Educação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Branca	13/04/2023
Roberta Rosa	Educação	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Rio Grande do Sul	Negra	24/05/2023

Fonte: Pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil”.

Estes indícios e resultados iniciais deram uma importante orientação para a terceira fase desta pesquisa. Nessa fase, foram entrevistadas pessoas que, em 2013, eram ativistas e militantes de organizações, movimentos e coletivos que convocaram os atos iniciais das Jornadas no Brasil, em sete diferentes estados, ao menos um de cada região do país: Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará, Goiás e Pará. A orientação: buscar ao menos uma pessoa negra entre as entrevistadas. No caso do Rio de Janeiro, entretanto, cumprir a orientação era obrigatório, diante da importância da temática racial nos protestos em 2013 na capital carioca, enlaçada com a temática territorial nas manifestações das comunidades contra a violência policial.

Parte das entrevistas com ativistas e militantes compõem o quinto e mais longo item deste artigo, que analisa as experiências e as trajetórias de dez pessoas entrevistadas, conforme descrito no quadro 2.

Verifica-se no quadro 2 que, além das entrevistas com 3 militantes cariocas, temos a presença de pessoas entrevistadas em outros estados, já que a própria expansão e interiorização dos protestos obrigaram a temática territorial e, em muitos casos, a racial ser abrangidas, como no Ceará, Pará, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Mais importante, as entrevistas destacam as experiências e trajetórias de mulheres negras que, em 2013, eram jovens estudantes. Zumbi dos Palmares é a única pessoa entrevistada que não era jovem nem estudante em 2013; entretanto, as experiências oriundas de sua condição racial relatadas em sua entrevista contribuem para a análise mais geral deste trabalho e servem para analisar diferenças geracionais relevantes entre ativistas e militantes negras e negros.

Quadro 2: Militantes negras e negros atuantes nas Jornadas de 2013 que concederam entrevista

Pseudôn.	Estado	Idade	Gên.	Raça/cor	Atuação nas Jornadas	Escolaridade e profissão atual	Atuação política atual	Data da entrevista
Zumbi dos Palmares	RJ	58	Masc.	Preta	Liderança do movimento dos garis em 2014	Cursa Educação de Jovens e Adultos. Agente de saúde familiar.	Ativista do Círculo Laranja	12/06/2023
Conceição	PA	31	Fem.	Negra	Juntos! e Diretório Central Estudantil (DCE) da Universidade Federal do Pará (UFPA)	Educação Superior. Fisioterapeuta.	Militante do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Foi deputada federal.	17/07/2023
Rita	CE	33	Fem.	Negra	Movimento dos Moradores do Lagamar (Fortaleza).	Educação Superior. Assistente social.	Vereadora por mandato coletivo pelo PSOL.	05/09/2023
Dandara	SP	30	Fem.	Negra	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e Movimento Negro	Educação Superior. Advogada.	Deputada de mandato coletivo pelo PSOL	06/10/2023
Irma	MG	29	Fem.	Negra	Simpatizante do Levante Popular da Juventude.	Educação Superior. Cientista social.	Atuação em Programa de Educação não-formal	06/11/2023
Maria Carolina de Jesus	RJ	36	Fem.	Negra	Liderança do Movimento Cadê o Amarildo?	Educação Superior. Gestão de Recursos Humanos	Atuação no movimento de mães que perderam seus filhos pela violência policial	07/11/2023
Juliana	SP	32	Fem.	Negra	Fora do Eixo e Mídia Ninja	Ensino Superior. Turismóloga.	Sem vínculos.	27/10/2023
Luís Gama	RJ	32	Masc.	Negra	DCE e Centro Acadêmico de História da UFRJ. PSOL	Ensino Superior Completo. Historiador	Assessor Parlamentar pelo PSOL e atuação no movimento negro	07/11/2023
Maria Firmina	RS	35	Fem.	Negra	Diretório Acadêmico da Educação Física e DCE da UFRGS, Bloco de Lutas pelo Transporte	Mestranda em Educação	Professora estadual de Educação Física, vereadora em Porto Alegre.	22/02/2024

					Público, Coletivo Negração			
Mário	RS	32	Masc.	Negra	PSTU e Bloco de Lutas	Mestre em História	Professor de História, Deputado estadual.	21/02/2024

Fonte: Pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil”.

Revisão Bibliográfica

Durante a revisão bibliográfica, primeira fase desta pesquisa, e na construção deste artigo, foram selecionados seis produtos que dialogam com o tema deste texto, pois tratam da temática racial negra nas Jornadas de 2013 no Brasil. Como se percebe, comparando a quantidade de produtos sobre as Jornadas que encontramos em pesquisa bibliográfica em maio de 2021 (141) com a quantidade de artigos que abordam a temática racial negra nesse ciclo de protestos (6), e ainda considerando a relevância dessa temática nas Jornadas, conforme as entrevistas comprovarão, trata-se de um tema pouco explorado, até mesmo negligenciado nas pesquisas no campo das ciências humanas.

Uma maior presença de negras e negros nas equipes de pesquisa, como ocorre na pesquisa aqui relatada, certamente vai contribuir para que as ciências humanas se atentem mais e melhor para a temática racial e a presença de pessoas negras em movimentos sociais no Brasil, e não apenas nos movimentos propriamente negros. Há de considerar, finalmente, que a temática étnico-racial indígena apareceu também de forma muito pontual na pesquisa bibliográfica, basicamente comentários sobre protestos dos Maracanãs no Rio de Janeiro. (CAVA; COCO, 2014).

O quadro 3 apresenta os 6 produtos selecionados para o presente artigo.

Percebe-se a importância de autoras negras neste levantamento, que também eram ativistas e militantes em 2013 e, em ao menos dois casos, continuam atuantes politicamente: Paula Nunes (militante do movimento estudantil em 2013, hoje deputada estadual pelo PSOL em São Paulo), Jéssica Cerqueira (ativista de coletivos autonomistas em 2013 e na atualidade) e Thamyra Thâmara (ativista em 2013 no movimento das comunidades cariocas, hoje produtora cultural). Também entre as autorias está presente um movimento social, representando, o que é significativo, mulheres negras: Movimento Mulheres Negras Decidem – cuja matéria, justamente, entrevistou mais três mulheres negras, hoje lideranças políticas, que tiveram atuação em 2013. Os trabalhos destas mulheres e movimento, em diferentes graus, combinam a reflexão acadêmica com a memória ativista/militante, em contraste com os outros produtos dos autores. Este dado já indica o que encontramos nas entrevistas com ativistas e militantes: a presença mais ativa e significativa das mulheres negras, em comparação com os homens negros, nas Jornadas de 2013.

Quadro 3: Produtos selecionados com a temática racial negra nas Jornadas de 2013 no Brasil

Produto	Tipo	Tema
Andrés (2022)	Capítulo de	Possibilidades da análise interseccional das Jornadas

	tese	
Cerqueira; Thâmara (2014)	Artigo	Análise sobre a atuação de jovens negras e negros nas Jornadas no Rio de Janeiro
Movimento Mulheres Negras Decidem (2023)	Matéria	Entrevistas com 3 mulheres negras lideranças sobre as Jornadas
Nunes (2023)	Capítulo	Influências e importância das Jornadas no movimento negro atual no Brasil
Santarém (2013)	Dissertação	Articulação entre a temática racial e territorial nos movimentos urbanos no Distrito Federal
Thâmara (2014)	Capítulo	Relato sobre a atuação de pessoas negras nas Jornadas no Rio de Janeiro

Pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil”.

Os trabalhos dos dois autores se classificam mais estritamente como produtos acadêmicos voltados a cumprir exigências para a pós-graduação – a dissertação em Antropologia de Paulo Henrique da Silva Santarém (2013) e a tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo de Roberto Andrés (2022). De Santarém (2013), interessa o seu recorte racial cotejado ao territorial nas análises sobre a história da questão urbana no Distrito Federal, culminando nas Jornadas. De Andrés (2022), o capítulo em que aproxima os recortes de raça, gênero e classe para analisar 2013.

Na análise do conteúdo destes produtos, 5 temas se destacam os seguintes temas: condição da população negra pré-Jornadas de 2013; questão racial e questão urbana; caracterização das Jornadas e da atuação de pessoas negras nos movimentos; o legado das Jornadas para a população negra; e o movimento negro. Temas que serão retomados na análise das entrevistas.

A respeito da condição da população negra pré-Jornadas de 2013, há o reconhecimento de algumas políticas sociais voltadas à população negra – como a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), a sanção da lei n.10.639/2003 (que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana), a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e o estabelecimento da Lei de Cotas nas instituições federais em 2012. (NUNES, 2023). Entretanto, a violência policial contra a população negra continuava alta, com índices alarmantes e que teimavam em não decrescer, destacando-se, nas referências, as ações policiais nas comunidades cariocas. (CERQUEIRA; THAMARA, 2014). Raízes históricas explicam os mecanismos repressivos contra a população negra, que vêm da escravidão e atravessam a atuação das polícias militares no regime ditatorial militar e civil, implicando inclusive no encarceramento massivo desta população. (CERQUEIRA; THAMARA, 2014).

Quanto às relações entre a questão racial e a questão urbana, destacam-se os trabalhos de pós-graduação dos autores homens, que consideram ambas as questões como determinantes para as Jornadas. Santarém (2013) destaca Brasília em sua dissertação, cidade que revela, em sua história e conflitos presentes, a presença de relações sociais desiguais e injustas – envolvendo racismo, machismo e exploração econômica – para além da superfície administrativa e burocrática que ilustra a capital do país. Também reflete acerca do

surgimento e sedimentação da separação entre centro e periferias das grandes cidades, com a consequente periferização da população negra, fazendo dos problemas urbanos das periferias também uma questão racial. (SANTARÉM, 2013). Andrés (2022) e Santarém (2013) tratam do quanto a crise dos transportes públicos, funcionando sob a lógica capitalista, afeta com mais intensidade as populações periféricas e negras. Na verdade, segundo Andrés (2022), o próprio planejamento dos serviços de transporte público visa a exclusão e a segregação destas populações. Mais ainda, a priorização do transporte individual no planejamento urbano e nas obras públicas tende a favorecer as populações mais ricas e brancas.

Desta forma, as Jornadas de 2013 vão se caracterizar nestes e outros produtos aqui analisados como uma resposta popular a um contexto econômico contraditório. O governo petista privilegiava grandes projetos de infraestrutura produtiva e urbana, enquanto a desoneração fiscal beneficiava setores como o de automóveis. Ao mesmo tempo que se favoreciam o empresariado e classes médias com tais políticas, as populações periféricas e negras eram prejudicadas pelas obras para os megaeventos esportivos – e suas remoções forçadas de comunidades – e pelos constantes aumentos das tarifas dos transportes públicos. (SANTARÉM, 2013). Soma-se a isso a insatisfação de jovens com o sistema político representativo, jovens que passaram a considerar a necessidade de (re)inventar outros formatos de participação política. (NUNES, 2023; CERQUEIRA; THAMARA, 2013).

Já em 2012, jovens negras e negros de comunidades criaram os coletivos Ocupa Alemão e Ocupa Borel (THAMARA, 2014), que atuavam mais significativamente nos protestos em junho do ano seguinte contra o aumento das tarifas. Logo, levaram para estes protestos de 2013 suas próprias pautas, destacando-se a denúncia da violência policial contra a população negra e as comunidades:

Depois de um tempo, fomos nos integrando como coletivo e junto com outros movimentos sociais de favela, levantando a nossa própria pauta que acabou sendo socializada com todos: #desmilitarizaçãodaPM, #ForaUPP, #CadeoAMARILDO, #remoções #nãoaoteleférico, #genocídioda juventudenegra. (THAMARA, 2014, p. 159).

O tema da violência policial está presente também na origem das Jornadas em São Paulo, quando o Comitê Contra o Genocídio da Juventude Negra, diante do silêncio do governo estadual, resolveu ocupar a Secretaria Estadual de Segurança Pública de São Paulo, pedindo audiência com o secretário. (NUNES, 2023). Há também campanhas e denúncias contra a morte de homens negros, como o de Amarildo no Rio, ou a prisão injustificada deles, como o de Rafael Braga em São Paulo. (NUNES, 2023).

A bibliografia demonstra que manifestantes negras e negros nas Jornadas, além de apoiar as pautas mais gerais, como a revogação do aumento das tarifas e a posição contrária às remoções, também levaram pautas próprias, destacando-se a denúncia da violência policial contra a população negra. Também, que igualmente fizeram uso das redes sociais da Internet para a legitimação e divulgação destas pautas próprias que, na verdade, eram tão fundamentais quanto as demais. Segundo Cerqueira e Thamara (2014), a participação

expressiva e organizada de uma juventude pobre e negra nas Jornadas não deveria causar surpresa, considerando o que análise da situação urbana e a da desigualdade racial nos expõem.

Ainda assim, segundo Cerqueira e Thamara (2014), levantamentos teriam indicado que o percentual de pessoas negras entre manifestantes foi proporcionalmente inferior à de pessoas brancas. Elas se questionam a respeito das menores oportunidades educacionais e de formação política de jovens negras e negros, o que contribui para explicar esta disparidade racial.

Enfim, sobre o legado das Jornadas para a população negra e o movimento negro, destaca-se a pergunta sobre os impactos causados por 2013 no movimento negro, movimento que, segundo Nunes (2023), não é homogêneo e tem longa história pregressa a 2013. Enfim, que mesmo que parte do movimento negro tenha passado a fazer parte da institucionalidade com os governos petistas, ressalta que não podemos tratar o movimento negro como se fosse único, incluindo os setores do movimento negro que estiveram presentes nas Jornadas.

A ideia do movimento negro era demarcar que a violência policial experimentada em Junho e escancarada nos grandes centros paulistanos já era, em grande medida, vivida no cotidiano das periferias das cidades. Isso não fez com que o movimento negro se retirasse do processo político de Junho de 2013; pelo contrário, tornou o momento também uma forma de denúncia das violências sofridas, especialmente aquelas causadas pelo aparato repressivo do Estado – daí a luta por Amarildo e por Rafael Braga. Esse, a meu ver, é o maior legado de Junho para o movimento negro e do movimento negro para Junho. (NUNES, 2023, p. 43).

Após 2013, o movimento negro manteve a prática de denunciar as mortes de pessoas negras e periféricas que ocorrem no Brasil e promover rodas, oficinas, debates e marchas nacionais. (NUNES, 2023, THAMARA, 2014).

Resulta desta análise bibliográfica, a conclusão de que as Jornadas fortaleceram o movimento negro no Brasil, deixando importantes legados para suas pautas, táticas de protesto e até mesmo maior inserção na política institucional, com a eleição de parlamentares negras e negros:

Para o movimento negro, esse legado é o fortalecimento do próprio movimento, das pautas de promoção de vida do povo preto para além do acesso, e da eleição de seus parlamentares, a partir do questionamento da representação política tradicional e da ideia de “nada sobre nós, sem nós”. Sem nenhum medo de dizê-lo, é preciso defender o legado de Junho. (DANDARA, 2023, p.47).

As entrevistas, analisadas a seguir, tendem a reforçar as conclusões desta revisão bibliográfica: a condição de desigualdade, violência e periferização da população negra; a interpenetração da questão urbana e da questão racial como fatores determinantes de 2013; possibilidades e dificuldades de atuação de pessoas negras nas Jornadas, incluindo a proposição de pautas voltadas à população negra em interseção com a população periférica e das favelas; e o fortalecimento do movimento negro após 2013, renovando suas pautas, suas

formas de atuação e, a despeito das Jornadas terem criticado de forma veemente a democracia representativa, o aumento de parlamentares negras e negros desde então – em contraposição à deriva da política nacional para a extrema-direita nos anos seguintes, incluindo a eleição de um presidente desta tendência.

Análise das entrevistas com pesquisadoras

De 18 pesquisadoras e pesquisadores sobre as Jornadas que entrevistamos para a investigação aqui relatada, como dito, três pesquisadoras abordaram mais diretamente a questão racial e a presença de jovens negras e negros em 2013. Apenas uma delas é negra, Roberta Rosa. As outras duas, Marília Spósito e Ana Karina Brenner, são brancas. Entre os temas abordados, são reforçadas as considerações apresentadas na revisão bibliográfica no item anterior, destacando-se: a construção de pautas específicas sobre a temática racial negra, por vezes conjugada à temática urbana (transporte público, periferização e violência policial nas comunidades cariocas); reflexões sobre a atuação de jovens negras e negros nas Jornadas, com suas contribuições para o protesto, bem como as possibilidades e os dilemas para a continuidade de sua atuação política dentro das instituições formais da democracia representativa.

Roberta Rosa fez sua pesquisa de mestrado em Educação a respeito do Bloco de Luta pelos Transportes Públicos de Porto Alegre. (ROSA, 2015). Apesar de sua dissertação destacar pouco a temática racial, em sua entrevista, inclusive por sua condição de pesquisadora negra, conseguiu abordar o assunto. Isso se iniciou com a sua consideração de que três militantes do Bloco de Luta vieram a ocupar cargos de vereança na capital gaúcha, ganhando a eleição sob a representação do PSOL, pessoas negras que teriam formado a “bancada negra” na Câmara. Tal afirmação a levou a refletir sobre a presença de pessoas negras no Bloco de Lutas, um ativismo que as levou propriamente ao movimento negro, ao mesmo tempo que as fizeram aprofundar sua atuação na política institucional, disputando eleições. Rosa ainda reflete que o aumento das tarifas do transporte público, que levou o Bloco a convocar manifestações vitoriosas já em março de 2013, em Porto Alegre, se refletia em dificuldades financeiras para a própria população negra, trabalhadora e periférica da Grande Porto Alegre.

Há um importante elemento do relato de Rosa que também se destaca na entrevista de Ana Karina Brenner, a saber, a trajetória política de ativistas e militantes negras e negros, que se inicia com a procura de canais alternativos de participação política, passa pela descoberta das pautas propriamente raciais e, para algumas e alguns, termina na redescoberta dos partidos políticos como forma de atuação política. Brenner considera a grande importância da adoção da política de cotas raciais na educação superior pública, da qual a UERJ, onde ela leciona, é uma das precursoras. Essa política também aumenta as oportunidades de participação política de jovens negras e negros. A política de cotas gerou uma diversificação do público universitário, obrigando o ambiente acadêmico – de onde surgiram muitos dos protestos que ela observou em 2013 – a atender um novo público e novas demandas, distintos daqueles usuais dos tempos em que praticamente apenas a juventude branca e de classes médias e altas tinham acesso à educação superior. O próprio movimento estudantil se viu forçado a alterar suas formas de organização e suas pautas, incluindo a União Brasileira dos Estudantes (UNE). 2013 teria permitido a jovens negras e negros um aprendizado

político ímpar, ao ocuparem a esfera pública e as próprias ruas, colocando seus corpos no meio da multidão que se instituía. Brenner traz também o tema da violência policial contra pessoas negras, o que se tornou pauta fundamental no Rio, em torno da morte e desaparecimento do corpo de Amarildo, recordando que as práticas de tortura e desaparecimento de corpos, usuais na ditadura militar e civil, continuavam vigentes para as populações das comunidades cariocas. Brenner ainda conclui a respeito da importância de que as pessoas brancas, como ela, se engajem na luta antirracista. Deveria haver consciência das pessoas brancas de que, sem elas e eles, não haveria racismo, e as vozes e protestos das pessoas negras forcem as brancas à reflexão.

Marília Spósito introduz o tema em sua entrevista em decorrência de sua reflexão sobre os limites da análise que busca classificar rapidamente 2013 entre esquerda e direita partidárias, análise que perde de vista o entendimento acerca das frustrações e insatisfações profundas da população – gerando algumas respostas que têm deixado pesquisadoras e pesquisadores atônitas e atônitos, como a adesão de jovens populares a movimentos de extrema-direita. Spósito passa a criticar a incapacidade ou mesmo negligência da esquerda tradicional, liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em dar continuidade ao “trabalho de base” nas regiões periféricas e a própria construção de um projeto socialista, em troca de um projeto de poder institucional fundamentado na aliança com as oligarquias tradicionais. Enfim, Spósito vai refletir sobre a dificuldade que ela observou – tendo acompanhado em suas pesquisas a trajetória de jovens militantes da periferia e de raça negra – desses jovens encontrar acolhida dentro do movimento estudantil universitário e partidos tradicionais de esquerda – o que teria levado parte delas e deles até mesmo a desistir da militância.

As entrevistas são muito significativas para este artigo. Por um lado, reforçam, como dito, algumas conclusões já elaboradas com a revisão bibliográfica: a conjunção entre questão racial e questões urbanas na latência das Jornadas; a construção de pautas específicas a partir da temática racial em 2013; e indícios sobre as trajetórias de militantes e ativistas negros e negros antes, durante e após as Jornadas. Este último ponto é o que mais vemos enriquecido pelas entrevistas, que abrem caminho para conhecermos melhor as trajetórias de tais militantes e ativistas, no item a seguir, com base em dez entrevistas concedidas para nossa pesquisa. As pesquisadoras nos levam a perguntar ainda mais sobre os processos de socialização ou formação política de tais ativistas e militantes, bem com sua aproximação ou não de partidos políticos e da democracia representativa, ainda que tenham participado de um ciclo de protestos – as Jornadas – com viés altamente crítico aos limites da política institucional vigente.

Entrevistas com militantes negras e negros

Distribuímos as dez pessoas entrevistadas em categorias oriundas de uma classificação que combinou o gênero com a forma de militância e ativismo nas Jornadas. Considerando que a condição de gênero foi fundamental nas experiências desses sujeitos em 2013, e considerando que apenas três homens negros foram aqui tratados, eles compõem uma categoria à parte, analisada ao final deste item. As mulheres são divididas entre “independentes”, “ativistas em movimentos territoriais” e “militantes de partidos”. Essas três categorias flagram quem eram as pessoas que entrevistamos durante as Jornadas, ou seja, de que forma elas atuaram

em 2013 – lembrando que entrevistamos apenas quem teve participação relevante na organização e realização dos protestos – e não quem foi apenas manifestante.

Independentes: Irma e Juliana

Irma é uma mulher negra, residente no interior de Minas Gerais, que tem 29 anos; é de classe média e filha de docentes da Educação Básica: a mãe, de História, o pai, de Geografia. Apesar de Irma ter feito catequese e seu pai ter sido um frade, nunca foi exigido dela que tivesse ligação com alguma instituição religiosa. Mais influentes seriam seu pai e sua mãe na formação de suas ideias políticas, a começar pelo fato de terem se organizado sindicalmente. Irma cresceu vivenciando o interesse de seus pais na organização sindical, na busca por melhores condições de trabalho para a categoria doente. Durante o seu período no ensino médio, ela sentia que era uma pessoa que já se preocupava com questões sociais e políticas, porém, não se organizava politicamente. Quando ingressou no curso de ciências sociais, em 2012, logo se veria participando da ocupação da universidade, em protesto contra o aumento do valor das refeições do Restaurante Universitário. Passou a atuar como simpatizante do Levante Popular da Juventude (uma juventude com relações com o partido não-eleitoral Consulta Popular). Durante sua entrevista, não considerou ainda consistente esta atuação no Levante - e por isso foi considerada, aqui, como independente - , tempo em que veio a se envolver, em 2013, na realização dos protestos no município de porte médio no Sul de Minas Gerais onde residia, tendo como pauta principal a redução do preço das tarifas de ônibus urbano. Em 2013, os protestos na cidade interiorana mineira não sofreram repressão policial. A dinâmica das manifestações foi diferente da dos protestos com confrontos vividos em grandes cidades. Por exemplo, a tática dos black blocs não foi utilizada, inclusive tendo os protestos contado com o aval da polícia militar local, cujos carros conduziam a própria manifestação. Considera que, durante as Jornadas, apesar da diversidade de pessoas nas ruas, as pessoas negras presentes não pautaram especificamente o tema racial. Afirma que 2013 lhe impulsionou a se organizar politicamente de forma mais consistente. Assim, segundo ela, o início de sua atuação organizada se deu de fato logo após 2013, sob influência de uma de suas professoras, com quem ajudou a organizar um cursinho popular, o Emancipa e, logo em seguida, a criar um núcleo do Juntos! (uma juventude da tendência MES [Movimento Esquerda Socialista] do PSOL), com quem tradicionalmente o Emancipa é vinculado. Em 2016, quando a Dilma sofreu o impeachment, Irma discordou da postura do MES diante do tema, afastando-se da tendência e do próprio PSOL, depois de ter sido inclusive candidata a vereadora em 2014. Atualmente, procura outras formas de se manter ativista, como por exemplo, dentro da sala de aula, como professora da educação básica, assim como em um Programa de Educação não formal. Entretanto, não tem atuado mais em manifestações e organizações partidárias.

Juliana é uma mulher negra, da periferia de São Paulo, tem 31 anos e é filha de pai e mãe sem escolarização e da classe trabalhadora. Teve vínculo religioso até os seus 13 anos de idade, quando engravidou e decidiu se afastar da sua igreja por causa da rigidez de sua doutrina. Seus pais são de religião evangélica e pouco debatem sobre política, mas seu pai afirma admirar a figura de Lula, mas não do seu partido, o PT. A gravidez de Juliana, ainda adolescente, criou uma relação conturbada com seus pais. Juliana afirma que o aumento de

seus conhecimentos políticos a levaram a compreender melhor, anos depois, o seu afastamento da igreja e a relação conflituosa com a família. Ao longo de seu percurso escolar, Juliana não participou de grêmios e entidades estudantis, pois, desde os 13 anos, já tinha que trabalhar durante oito horas por dia, o que a deixava sem tempo para qualquer atuação política. Destaca um professor de geografia do ensino médio, importante para a formação de suas ideias políticas, por debater temas sociais em sala, o que a fez se interessar mais por questões políticas e compreender sua realidade de mulher negra, periférica e de pai e mãe sem alfabetização. Ingressou em curso superior de Turismo, tempo em que ainda não se envolveu com organizações políticas e o movimento estudantil, pois, segundo ela, ainda precisava conciliar trabalho e estudo. Durante as Jornadas de 2013, já formada em Turismo, afirma que passou a dispor de tempo para a participação política, tendo atuado no Ocupa Alckmin, um movimento composto em sua maioria por jovens negras e negros, com um viés anarquista e pautas como o fim da polícia militar e o desarmamento. Afirma terem sofrido severa violência policial durante a ocupação. Participava, antes, do coletivo cultural Fora do Eixo, que, com o Ocupa Alckmin, foram suas principais fontes de formação política, destacadamente anarquista e voltada à atuação cultural. Atualmente, apesar de atuar com a produção cultural, Juliana está passando por um processo seletivo para atuar na gestão de políticas públicas.

Ativistas de movimentos territoriais: Rita e Maria Carolina de Jesus

Rita é uma mulher negra, periférica, bissexual e de classe trabalhadora. É católica e desde os nove anos era membro do grupo Jovens em Busca de Deus (JBD), que tinha ligação com a Teologia da Libertação. O templo religioso o qual frequentava foi muito importante para ela, porque quando era criança e vivia em condições de vulnerabilidade social, a igreja falava muito sobre o valor da educação, o que futuramente a influenciou a cursar Serviço Social. Porém, quando assumiu um relacionamento com outra mulher, a reação negativa da comunidade religiosa a levou a se afastar da igreja e deste grupo. O fato de sua mãe e seu pai se empenharem muito para que ela tivesse acesso à escolarização e incentivassem sua dedicação aos estudos, segundo ela, serviu como um despertar para seu interesse na política. Rita cursou Serviço Social, via FIES (Financiamento Estudantil), em uma instituição privada. Destaca, de sua graduação, sua formação política nas disciplinas e seu trabalho de conclusão de curso sobre o território de Lagamar, onde ela morava e participava de um movimento de moradoras e moradores. Antes de 2013, além do JBD, sua atuação política se deu em uma rádio da escola, que atuava como um movimento político escolar. Mas o JBD teria sido o mais decisivo em sua formação política. Em 2013, o JBD resolveu participar das Jornadas, para dar visibilidade à pauta sobre as remoções em massa que estavam ocorrendo na periferia de Lagamar, remoções que estavam acontecendo desde 2009 em decorrência das obras para a Copa do Mundo, no caso, um viaduto de acesso à Arena Castelão, estádio que recebeu os jogos em Fortaleza. Apesar de estar acostumada com as abordagens policiais no bairro onde morava, a violência policial em junho de 2013 teria sido diferente, pois foi a primeira vez que foi atacada por uma bomba de gás e viu bombas aéreas. Nas manifestações durante as Jornadas, a maioria das pessoas que participavam eram pessoas brancas. Parte delas, vindas das classes médias e já sob a influência do repertório patriota e de pautas

anticorrupção, estranhou e reclamou da presença de um movimento que pautava a moradia. Ouviu, inclusive, críticas de que estavam reclamando de “barriga cheia”, já que estavam ganhando apartamentos sociais em contrapartida às remoções. A pauta da moradia, trazida durante os protestos de junho de 2013 em Fortaleza, mas que tinha história anterior e continuaria nos meses seguintes, não teria sido vitoriosa. Até hoje, várias famílias removidas não foram reassentadas. Rita passou a atuar na política institucional, tendo sido eleita pelo PSOL como representante de um mandato coletivo. Considera que 2013 não foi influente em sua decisão de filiar-se a um partido. Entretanto, Rita se refere às manifestações que aconteceram em junho em Fortaleza, na esteira de outras manifestações massivas que se inspiraram nas da capital paulista. Se considerarmos que os protestos com pauta territorial, oriundos de insatisfações com as obras da Copa, incluindo as remoções forçadas que motivaram o movimento em Lagamar, fazem parte da latência das Jornadas, bem como que a crítica às obras para os megaeventos esportivos foi uma pauta importante nas Jornadas, podemos fazer outra interpretação sobre o significado deste ciclo de ações coletivas em sua trajetória política.

Maria Carolina de Jesus é filha de duas mulheres, mãe de dois meninos e, conforme ela relata, teve várias pessoas amigas e parentes que sofreram morte violenta nas mãos da polícia do Rio de Janeiro. Considera que sua formação política adveio da dor: primeiro, pela cor negra da sua pele; depois, por sua sexualidade (é bissexual); a seguir, pelo local onde mora (a comunidade da Rocinha); e, enfim, por sua religião (de matriz africana). Afirma ter feito várias campanhas eleitorais para Lula, apesar de guardar várias críticas a ele e ao PT. Foi bolsista do PROUNI (Programa Universidade para Todos). Em 2013, foi uma das protagonistas do movimento “Cadê o Amarildo?”. Amarildo era um homem negro, pedreiro, que foi levado e morto por policiais quando chegava de uma pesca, cujos restos mortais até hoje não foram encontrados. Ela também tem atuado no movimento de mães que tiveram filhas e filhos mortos e mortos pela violência policial. Durante os atos de seu movimento, na comunidade, sofreu várias vezes a repressão policial na forma de espancamentos, em especial quando foi encurralada nos becos e vielas. Registra que, em geral, as pessoas detidas eram homens e mulheres de cor negra, as mesmas pessoas preferencialmente miradas pelas balas de borracha. Registra o protagonismo de Marielle Franco na luta pelos direitos sociais das comunidades e pessoas negras, mulher que se destacou como liderança nas Jornadas do Rio de Janeiro, o que impulsionou o início de sua carreira política como vereadora, brutalmente interrompida por seu assassinato e o de seu motorista Anderson Gomes. Destaca nas lutas em 2013, a luta pela vida, enfatizando que “vidas negras importam”, incluindo a demanda pela desmilitarização da polícia militar

Militantes de partidos: Dandara, Conceição e Maria Firmina

Dandara é uma mulher negra, católica, advogada e residente na capital paulista. Ela já era organizada politicamente antes das Jornadas de 2013, dentro de um partido político de esquerda, quando cursava Direito. Na sua graduação, tomou contato com os movimentos estudantil, negro e feminista. Contudo, já tivera antes contato com o movimento negro, vivência que, somada às experiências na universidade, a levaram a participar do Comitê

Contra o Genocídio da Juventude Negra. A sua família influenciou de forma mínima a formação de suas ideias políticas. Dandara realizou sua formação escolar na rede privada de ensino, onde era uma das poucas estudantes negras. Sobre a violência sofrida nas Jornadas, ela descreve uma diferenciação entre violência e repressão policial: a repressão era destinada a todas as pessoas, mas a violência policial era maior quando se tratava de manifestantes de cor negra. Recordou da repressão policial contra o movimento negro durante a ocupação da Câmara Municipal de São Paulo, durante as Jornadas de 2013. Considera que 2013, em favor do movimento negro, potencializou o debate acerca da violência policial, incentivando protestos que passaram a denunciar o assassinato de pessoas negras.

Conceição é uma mulher negra, católica, residente em Belém-PA, integrante do coletivo Juntos! e ex-deputada federal pelo PSOL, partido do qual ainda é militante. Destaca a formação política oriunda de sua atuação em grupos da igreja católica, antes mesmo de seu contato com o movimento estudantil. Em 2013, cursava fisioterapia em universidade pública, onde era a coordenadora geral do DCE (Diretório Central dos Estudantes). Sua participação no movimento estudantil começou no mesmo ano de seu ingresso na graduação, em 2009, se envolvendo em todas as atividades políticas e manifestações realizadas. Conceição é filha de uma família de periferia, que, nas suas palavras, sempre zelou pela educação de suas filhas e seus filhos. Sua mãe apoiou sua entrada na carreira política desde o início, enquanto seu pai foi mais reticente a princípio. Nas Jornadas, presenciou a violência policial severa, que, inclusive, fragilizou o movimento e impactou a organização dos protestos. Os policiais, além de reprimir os protestos, vasculhavam os pertences de manifestantes que detinham, buscando algo que pudesse incriminar estas pessoas e o próprio movimento. Relata também a morte de uma gari em Belém, vítima de uma bomba de efeito moral atirada pela polícia durante as manifestações; por não ter recebido socorro a tempo, faleceu. Para Conceição, quem mais sofreu com a repressão policial foram as mulheres. Considera que foi relevante a participação de pessoas negras em 2013. Entretanto, o despertar da consciência política de jovens negras e negros teria sido posterior, como a recepção local de levantes negros internacionais e o fenômeno que ficou conhecido como “rolezinhos” - em que jovens das periferias, de cor negra em sua maioria, combinavam de se encontrar em grandes grupos em shoppings e outros locais classicamente frequentados apenas pelas elites e classes médias; o objetivo era a socialização, mas a reação da opinião pública e a repressão policial tornaram o evento efetivamente um ato político, revelando o racismo enraizado em nossa sociedade. A respeito de 2013, destaca também como legado o fato de que diversas pessoas jovens, que se destacaram como lideranças então, vieram a ingressar na política institucional, assim como em outros espaços de influência, como sindicatos e universidades – como a própria depoente.

Maria Firmina é uma mulher negra, de 35 anos, professora de Educação Física na Educação Básica, de religião de matriz africana e vereadora em Porto Alegre. Em 2013, era estudante de Educação Física da UFRGS, quando iniciou uma trajetória política mais consistente, vindo a fazer parte do Diretório de Educação Física (DEF) - que considera como sendo a principal influência em sua formação política – e do DCE da mesma universidade. Sua socialização política familiar, entretanto, foi muito importante: seu pai, economista e bancário aposentado, foi conselheiro do Clube Floresta Aurora, um dos primeiros clubes negros formados no Brasil, engajado inclusive na luta pelo fim da escravidão. Os almoços familiares

foram importante espaço para a sua formação política, durante as conversas entre sua família e as pessoas que a visitavam. Os coletivos de esquerda em que atuou lhe deram sólida influência marxista, o que a permitiu entender os processos sociais que produzem a desigualdade e as injustiças em nosso país. Participou do Bloco de Lutas pelo Transporte Público de Porto Alegre, representando o DEF e o DCE. Mas, já em 2012, participara da formação do coletivo Negração, composto por estudantes negras e negros da UFRGS, que organizou ocupações na reitoria, denunciando fraudes na autodeclaração racial de estudantes que queriam fazer uso das cotas raciais. O Negração existiu até 2018, mas, antes, diversos membros do coletivo se filiaram ao PSOL, buscando um espaço de maior institucionalidade para as pautas raciais, incluindo Maria Firmina. Ela também participou da formação da Frente Quilombola, que consiste em uma organização de quilombos urbanos da Grande Porto Alegre. Em 2013, seus pais não viram com bons olhos a sua participação nos protestos, comprando a ideia vendida pela imprensa de que seriam mero vandalismo. Maria Firmina avalia que a violência da polícia foi respondida com violência por parte de manifestantes, afora a falta de diálogo dos governos a respeito das obras para a Copa do Mundo e, enfim, a denúncia do grupo que explorava há quase 30 anos os serviços de transporte público em Porto Alegre, oferecendo um serviço caro e ruim. 2013 teria sido um movimento de massas, que começou com a reivindicação em torno das tarifas do transporte público, mas que se abriu para muitas pautas. Considera que os efeitos da crise econômica global, iniciada em 2008, estiveram entre as causas de 2013. A crise econômica, que chegou mais tarde em nosso país, se fez sentir nas dificuldades em melhorar ou mesmo manter o padrão de vida das classes populares, em especial entre as pessoas do assim chamado precariado – enquanto se assistiam enormes quantias de recursos públicos deslocados para obras para os megaeventos esportivos. Sob os impactos das denúncias de corrupção, incluindo o processo do “mensalão”, outras vertentes políticas vieram disputar as ruas. O Bloco de Lutas continuou nas ruas, voltando a disputar os sentidos do movimento durante Junho de 2013, incluindo a ocupação da Câmara dos Vereadores, um momento que foi de intensa formação política para Maria Firmina. Seu desejo de ingressar na carreira política nasceu desta experiência em 2013, assim como de outras e outros colegas da raça negra. Como fruto de 2013, foi formada a bancada negra da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Homens negros: Zumbi dos Palmares, Luís Gama e Mário

Entre os homens negros entrevistados, temos a única pessoa que não era jovem durante as Jornadas: Zumbi dos Palmares, hoje com 58 anos. Ele também é o único dos três homens que não atuou em 2013 como militante de partido ou juventude partidária - apesar de ter se filiado posteriormente a partidos políticos. Zumbi dos Palmares atuou como manifestante durante 2013, mas, em 2014, inspirado pelas Jornadas, liderou a greve dos garis na capital carioca, ação coletiva que ele considera como uma continuidade das Jornadas. A infância de Zumbi dos Palmares foi muito difícil. Ele é filho de uma mulher negra, retirante nordestina, mãe solo e doméstica, que, por residir em seu próprio emprego, foi forçada pelas pessoas para quem trabalhava a escolher entre continuar nesta ocupação ou ficar com o seu filho. Sua mãe também foi induzida pela propaganda do regime militar de que a FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) seria uma ótima opção para cuidar de seu filho. Zumbi

dos Palmares viveu em uma unidade da FEBEM dos 3 aos 18 anos de idade, em um sistema que ele classificou como totalmente opressivo. As visitas de sua mãe foram escasseando, diante da baixa remuneração e da má vontade de seu patrão e sua patroa. A condição de não alfabetizada de sua mãe também contou para a completa perda de contato com ela. Apenas quando foi liberado da instituição, Zumbi de Palmares pôde tentar retomar o contato com ela, mas descobriu que sua mãe havia falecido de pneumonia e fora sepultada como indigente. Apesar de haver algum ensino na instituição onde ficou internado, ele saiu de lá sem completar nível educacional algum. Apenas aos 58 anos de idade conseguiu retomar seus estudos, matriculando-se na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como projeto fazer graduação em Artes. Considera que a forma como o mundo acadêmico pesquisa as temáticas sociais é deveras “gourmetizada”, distante da experiência efetiva de pessoas que, como ele, viveram e vivem isso na pele todos os dias, o que o leva a concluir que sua “universidade é a vida” e sua formação é oriunda do “sofrimento carnal”. Tal posicionamento leva Zumbi dos Palmares a considerar que desde sempre foi ativista e militante, na sua vivência do racismo e da desigualdade social, bem como na sua luta por sobrevivência, mas que as Jornadas de 2013 o ensinaram que é possível se organizar para o enfrentamento das desigualdades e dos desmandos dos governos, na busca de soluções e alternativas - o que o levou a liderar, em 2014, a greve dos garis na capital carioca, enfrentando não apenas o governo municipal, mas também o sindicato oficial, que não queria a greve. Zumbi dos Palmares afirmou, confirmando outros relatos aqui trazidos, que a violência policial em relação às pessoas negras durante as Jornadas foi maior. Em relação ao legado de 2013 para o movimento negro, descreve a importância do compartilhamento de conhecimentos gerados pelas Jornadas, que fazem com que pessoas negras se entendam como pessoas políticas. Em 2015, participou da criação do Círculo Laranja, um centro comunitário que realiza diversas atividades de formação política. Sobre a religião, diz que apesar de acreditar em Deus, nunca teve qualquer vínculo religioso. Na atualidade, é filiado ao PT mas, antes disso, foi filiado à Rede Sustentabilidade. Segundo ele, a institucionalidade não foi criada para que pessoas negras a ocupassem, mas para que, no máximo, emitissem seu voto. Por isso, é importante que pessoas negras lutem e estejam na institucionalidade, para representar, debater e criar políticas públicas para os problemas sociais enfrentados pelas pessoas negras, que não são iguais aos problemas enfrentados por pessoas brancas.

Luís Gama é um homem negro, carioca, de 32 anos, historiador e que, na atualidade, cursa Jornalismo. É filho de um jornalista e uma artesã com ensino superior incompleto. Seu pai, sua principal fonte de formação política, fez parte do Partido Comunista nos anos 1970 e 80, tendo sido preso e torturado pela ditadura militar. Segundo Luís Gama, seu pai, além de ter sido seu inspirador, o fez desde logo ter contato com um arcabouço teórico que contribuiu em muito com a sua formação política. Quando ingressou na educação superior, pôde exercitar na prática política esta formação teórica, se engajando no Centro Acadêmico, no DCE e em uma juventude partidária. Atualmente é umbandista, filiação religiosa iniciada após 2013, ainda que não atue mais com tanta regularidade. Sobre 2013, relata que a violência policial pouco incomodou a opinião pública nas primeiras manifestações, tendo causado indignação apenas quando atingiu membros das classes médias que começaram a participar dos atos - o que mudou, inclusive, a posição dos grandes veículos da mídia que, até então, consideravam os protestos tão somente como “vandalismo”. As Jornadas, além de

influenciar totalmente suas ideias políticas, foram decisivas em sua carreira profissional, já que o levaram à vida política institucional, filiando-se ao PSOL, exercendo hoje o cargo de assessor parlamentar. No seu entender, a maior parte de jovens que se aliaram a partidos políticos progressistas são fruto das Jornadas de 2013. O movimento negro não se destacou tanto em 2013, no seu entender, mas ficou a lição das Jornadas de que é possível se organizar e construir uma grande mobilização social.

Mário relata que seus pais eram espíritas, mas que, quando cresceu, passou a ter vínculo com religiões de matrizes africanas, porém, não considera esta filiação religiosa como orgânica. Seus pais militavam no PT nos anos 1990, o que fez com que tivesse desde cedo contato com as ideias políticas de esquerda e com os processos eleitorais. Começou a participar do movimento negro e do PSTU já no seu ensino médio. Já na graduação em História pela UFRGS, foi coordenador do DCE. Durante junho de 2013, Mário, homem negro que atuava no Bloco de Lutas pelo Transporte Público de Porto Alegre, sofreu uma perseguição política, sendo acusado de organização criminosa, ao lado de três outros jovens negros atuantes no Bloco - perseguição respaldada pela mídia. Considera que se tratava de mais uma perseguição que buscava intimidar a juventude negra e as comunidades periféricas. Após as Jornadas, Mário ingressou no mestrado em História, tendo pesquisado justamente as Jornadas de 2013. Aprofundou sua atuação política, vindo a ser eleito vereador pelo PSOL, mesmo partido no qual se elegeu, a seguir, deputado estadual.

Análise das entrevistas: questão racial, formação política e trajetórias

Nestes dez depoimentos, ativistas e militantes negras e negros nas Jornadas de 2013 contribuem para um aprofundamento de diversos temas apresentados na pesquisa bibliográfica e nas entrevistas com as pesquisadoras, destacando-se: a questão racial antes, durante e após as Jornadas; formação política e trajetórias políticas.

A questão racial antes das Jornadas aparece de várias formas: experiências de racismo e preconceito; a relevância das cotas raciais na educação superior e seus efeitos nos movimentos estudantis; e movimentos territoriais.

Em alguns depoimentos, são centrais os relatos a respeito de experiências de racismo, preconceito e violência sofridos pela pessoa entrevistada, por sua família ou pessoas conhecidas. Duas entrevistas no Rio de Janeiro são as que têm estas experiências como centrais: Zumbi dos Palmares e Maria Carolina de Jesus. Apesar de ser quase chocante o racismo e a exploração sofridos pela mãe de Zumbi dos Palmares, assim como os efeitos nefastos desses na sua infância e adolescência – vividos por alguém que pertence a uma geração mais velha que a das demais pessoas entrevistadas –, não é pequeno o impacto da violência policial, de forte componente racista, que afeta as comunidades cariocas, relatado por Maria Carolina de Jesus. Estas experiências vão construir, inclusive, distintas formas de pensar a própria formação política, tratada como uma formação pela vida, pelo “sofrimento carnal”. Isto também aparece no depoimento de Juliana, por causa de sua gravidez na adolescência e a necessidade de trabalhar desde muito nova. São diferentes formações políticas que, como veremos também, parecem incidir em diferentes formas de militância e ativismo.

A adoção das políticas de cotas raciais na educação superior pública, aspecto destacado na revisão bibliográfica e entrevistas com pesquisadoras, é um elemento relevante nas entrevistas com ativistas e militantes da raça negra que cursaram universidades públicas, principalmente por afetar as entidades estudantis, o movimento estudantil e as juventudes partidárias. As trajetórias políticas de tais pessoas entrevistadas começa ou tem um momento fundamental nas suas atuações em centros acadêmicos, diretórios centrais estudantis e núcleos de juventudes de partidos de esquerda em universidades públicas. Seus relatos demonstram o quanto o movimento estudantil foi afetado por estes sujeitos que, classicamente, eram aliados do mundo universitário e, portanto, do próprio movimento estudantil. O movimento estudantil passou a demandar mais fortemente pautas raciais justamente por causa do ingresso significativo de pessoas negras na educação superior, além de considerar mais seriamente as políticas de permanência, tendo em vista a condição socioeconômica popular deste novo público universitário. Em um dos casos, o de Maria Firmina, o ambiente universitário permitiu que estudantes negras e negros organizassem coletivos e movimentos com a pauta especificamente racial.

É possível notar, entretanto, que as pessoas que passaram pelo movimento estudantil e as próprias universidades públicas tendem a ser filhas e filhos de famílias com melhores condições socioeconômicas e de maior capital cultural, a despeito de sua condição racial subalternizada na sociedade brasileira. As três pessoas que vieram a fazer curso superior em instituições privadas de educação superior, na esteira de outras políticas de acesso à educação superior, como o FIES e o PROUNI, vieram de famílias com menores capitais econômico e cultural. Nestas instituições, o movimento estudantil tende a ser mais frágil ou inexistente, além de predominar uma formação mais profissional ou técnica, com menor potencial de formação política, como os cursos frequentados por Maria Carolina de Jesus (Gestão de Recursos Humanos) e Juliana (Turismo). Apenas Rita, que cursou Serviço Social e fez seu trabalho de conclusão sobre o movimento territorial em que militava, destaca a formação política propiciada em instituição privada. Nestes casos, a militância precedia a formação superior (Maria Carolina de Jesus e Rita), ou foi posterior (Juliana). No caso de Zumbi de Palmares, pertencente a uma geração anterior às políticas de massificação da educação superior, a educação superior ainda se esboça como projeto.

O terceiro elemento a se destacar são os dois movimentos de caráter territorial, que articulam necessariamente a questão racial, dada a predominância de pessoas negras nas regiões periféricas ou subalternizadas onde atuam os movimentos: o movimento de moradoras e moradores do Lagamar, em Fortaleza/CE, e o movimento “Cadê o Amarildo”, na comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro. Os temas das remoções forçadas e da violência policial fazem parte da latência das Jornadas de 2013. As remoções forçadas se fazem presentes nos diversos locais que receberiam os megaeventos esportivos. O Rio de Janeiro, além de receber jogos da Copa do Mundo e sediar as Olimpíadas, abrigaria com mais destaque, em 2013, o tema da violência policial contra as comunidades.

Já durante as Jornadas de 2013, a questão racial foi temática destacada nos depoimentos de militantes cariocas, em especial Maria Carolina de Jesus, cujo movimento denuncia, a partir do caso do pedreiro Amarildo, a violência policial sofrida cotidianamente por populações das comunidades do Rio de Janeiro, formadas majoritariamente por pessoas negras.

Entretanto, os demais depoimentos, a pergunta a respeito da repressão policial motivou quem entrevistamos a narrar que a violência policial, as detenções, as prisões e até mesmo os processos judiciais tiveram como alvo preferencial pessoas negras. Trata-se de um elemento comum e que, ao que parece, certificou ativistas e militantes da raça negra de que suas atuações políticas deveriam passar a ter como elemento central as políticas em favor da população negra – algo que não é explícito apenas nos relatos de Conceição e Luís Gama.

A questão racial após as Jornadas apareceu prioritariamente, nas entrevistas, em um local relativamente inesperado: a política institucional e os partidos políticos. Inesperado, porque a política representativa e os partidos tradicionais, inclusive de esquerda, foram alvo de severa crítica desde o início dos protestos de 2013 – mesmo contando, na sua organização, com militantes de partidos da esquerda críticos ao PT –, tendo se constituído na fase mais massiva das Jornadas, em junho, um forte discurso antipartido (que permaneceu latente e seria decisivo, mais tarde, no impeachment de Dilma e na ascensão da extrema-direita, que se travestiu de movimento antissistema). Várias pessoas que entrevistamos buscaram a política institucional e exercem ou exerceram cargos eletivos (deputada federal, deputada e deputado estadual e vereadoras), além do caso de um assessor parlamentar – em todos os casos, pelo PSOL. Estes relatos trataram da formação da bancada negra na Câmara Municipal de Porto Alegre, como legado do Bloco de Lutas, e da preferência por candidaturas na forma de mandatos coletivos (casos de Rita, Dandara e Mário). Excetuando Conceição e Luís Gama, os demais relatos, mesmo nos casos em que não houve filiação a partidos políticos (Maria Carolina de Jesus e Juliana), destacam a centralidade da questão racial nas suas atuações na política institucional ou nos movimentos sociais.

As trajetórias políticas de ativistas e militantes que entrevistamos são marcadas por diferentes processos de formação política. Antes, vale explicar o que entendemos por formação política, um termo mais amplo ou genérico adotado para se referir aos diferentes processos de constituição das ideias, concepções e práticas das pessoas e que as constituem como seres políticos. (GROPPO, 2020). Este conceito tende a considerar que ao menos dois tipos de processualidades podem atuar na formação política das pessoas: a mais bem conhecida e pesquisada socialização política – processo cumulativo de composição dos valores e repertórios referentes à política, oriunda da vivência em instituições socializadoras como família, escola, igrejas, mídias e outros (TOMIZAKI; SILVA; CARVALHO-SILVA, 2016) – e processo ou evento(s) que Jacques Rancière (1996) denomina de socialização política – momento imprevisto ou contingente em que a pessoa é levada ou se deixa levar por uma ação coletiva disruptiva e contestadora, que pode significar um divisor de águas na vivência política e, a despeito da sua socialização política até então apontar outras direções, levar a pessoa a se constituir como um distinto sujeito político.

2013 parece ter sido, para quase todas as pessoas entrevistadas, momento de subjetivação política, ou seja, um momento que alterou mais ou menos bruscamente trajetórias e expectativas políticas: levando quase todas e todos a assumir a centralidade da questão racial, ou – de forma um tanto quanto paradoxal, como anunciado antes – aproximar ou reaproximar tais pessoas da política institucional, via partidos de esquerda e mandatos coletivos, buscando ocupar estes espaços para que pudessem expressar as pautas de interesse da população negra. Antes de 2013, a formação política destes sujeitos parecia

seguir os roteiros mais ou menos esperados pelos processos de socialização política, com elas e eles herdando o capital político de suas famílias, ou fazendo proveito de seu capital cultural e econômico, o que beneficiou a maior parte delas e deles, que tiveram com certa precocidade o acesso a organizações políticas e puderam vivenciar a política estudantil em universidades públicas. Assim, se destacam relatos sobre a influência familiar na formação política, mais importante em depoentes cujo pai (com maior frequência) e mãe (com menor) tinham filiação partidária ou alguma militância. Em geral, há uma combinação entre capital militante com capital cultural e econômico das famílias: a despeito da condição racial, a posse desses capitais contribuiu para que os militantes e ativistas buscassem ou encontrassem a militância estudantil e partidária, bem como a política institucional, como algo mais previsível ou natural. As políticas de cotas na educação superior parece ter sido fundamental, também, para que estes sujeitos levassem certa disposição ao engajamento aprendido com suas famílias como motivação para a militância no movimento estudantil universitário. Este primeiro modelo ou tipo de socialização política parece se aproximar mais das trajetórias de Dandara, Irma, Luís Gama, Maria Firmina, Mário e, em menor nível, de Conceição (que destaca mais a igreja do que a família como decisiva na sua formação política, assim como fez Rita).

Mas uma parte de quem entrevistamos vieram de famílias com menores capitais político, econômico e cultural. O legado de suas famílias, em alguns casos, veio mais na forma de “incentivo aos estudos”. Esta socialização política que, a princípio, tendia a afastar tais pessoas da atuação política institucional e mesmo de movimentos sociais, foi ressignificada por tais depoentes. A ressignificação se deu, segundo nossa interpretação, especialmente como efeito da vivência da subjetivação política durante as Jornadas. Na interpretação da entrevista de Zumbi de Palmares, cunhamos o termo “sofrimento carnal” para significar o que ele chamou de aprendizado pela vida, na experiência de sentir “na pele” negra o racismo e a exploração. Outra carioca, Maria Carolina de Jesus, relata este sofrimento na forma da violência policial contra pessoas próximas a ela e de sua comunidade, o que a levou a organizar o movimento “Cadê o Amarildo?”. Juliana também relata, ao menos em parte, esta formação pela experiência de sofrimento, pelos efeitos que a gravidez na adolescência tiveram em sua vida, tendo de dividir o seu tempo entre o trabalho, os estudos e o cuidado com a filha. O caso de Rita, enfim, combina parte destes dois modelos de socialização, mas há de se considerar a importância, em seu relato, do movimento religioso onde atuou e que logo a levou a se engajar nas lutas territoriais.

Rita viria a adotar a forma mais comum, entre quem entrevistamos, de atuação política após 2013: a militância em partidos de esquerda na disputa eleitoral. Mas o segundo modelo de socialização política – feita por meio do “sofrimento carnal” ressignificado pela subjetivação política de 2013 – parece se combinar melhor com outro modo de atuação política: o ativismo em movimentos ou coletivos, espaços menos rígidos e com menor institucionalidade. A rigor, cabe como exemplo desta trajetória política apenas o caso de Maria Carolina de Jesus. Juliana veio a abandonar, ao menos por hora, sua atuação política. Zumbi dos Palmares veio por combinar a atuação em um centro comunitário – oriundo de certo legado autonomista das lutas de 2013 e da greve dos garis cariocas em 2014 - com a filiação a um partido político. Enfim, a já citada Rita fez a passagem de um movimento territorial - de moradoras e moradores que vieram a sofrer a remoção de suas casas - para a política institucional,

tornando-se vereadora. Os dois últimos exemplos indicam possíveis e efetivas combinações entre as duas formas de atuação política - via eleições e via ação coletiva - nas trajetórias de ativistas e militantes de 2013 de raça negra.

Considerações finais

A princípio, 2013 parece ter pouco a ver com a questão racial e o movimento negro. Um dos indícios é a pouca bibliografia específica a respeito desta relação. Outro, o relato de Rita, quando ela e o seu movimento territorial decidiram participar de uma manifestação em junho de 2013 em Fortaleza: houve um estranhamento recíproco entre ativistas de pele negra do movimento territorial e parte da multidão engrossada pelas classes médias de cor branca.

Mas a impressão é brevemente desfeita. A bibliografia, mesmo sendo relativamente pequena, causou impacto em nossa equipe de pesquisa, a respeito do quanto 2013 teria sido um potencializador do movimento negro no Brasil. Quanto ao movimento da qual Rita participava, ele era uma das inúmeras mobilizações que fizeram parte da latência das Jornadas, em geral mais organicamente reunidas em torno dos Comitês Populares da Copa – que, desde o anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, se constituíram na tentativa de negociar e, depois, denunciar, as remoções e os impactos das obras na população mais pobre das cidades-sede.

As entrevistas das pesquisadoras, bem como de ativistas e militantes, tanto quanto a bibliografia, parecem mais descrever do que explicar a relação entre 2013 e a questão racial. Há, certamente, o tema da violência policial e o impacto das políticas de cotas raciais na educação superior pública e no movimento estudantil. Mais bem explicada parece ser as influências das pautas raciais na política institucional e em outros movimentos, como o estudantil, por meio do crescimento da militância de jovens da raça negra em partidos de esquerda e a eleição de parlamentares dessa mesma raça por esses mesmos partidos, em muitos casos fazendo uso do inovador mecanismo dos mandatos coletivos.

As Jornadas têm sido interpretadas como um “acontecimento” (CAVA; COCO, 2014) que, entre outros efeitos, levou a uma generalizada contestação das condições socioeconômicas e das instituições políticas no Brasil. Generalizada e contraditória, ao menos no momento mais massivo das Jornadas, em junho de 2013, quando multidões foram às ruas, formadas por pessoas com origem socioeconômica, motivações e pautas heterogêneas e com diferentes graus de consistência. Do ponto de vista socioeconômico, havia desde a insatisfação latente de filhas e filhos do precariado diante dos limites do crescimento econômico e das políticas redistributivas, até o desconforto das classes médias brancas em relação às perdas de privilégios diante destas mesmas políticas. Do ponto de vista político, manifestantes foram da crítica aos partidos tradicionais e aos limites da democracia representativa (em movimentos de forte cunho autonomista, mas de discurso apartidário, que deram início às Jornadas) a um nacionalismo anticorrupção, antipartido e até mesmo anti-PT, alimentado pelas mídias comerciais (na fase massiva das Jornadas).

Na experiência da ação coletiva por jovens negras e negros durante as Jornadas, a violência policial parece ter sido o principal mecanismo a ativar, neste generalizado processo de subjetivação política que foi 2013, a construção de um sujeito político negro, ou sujeitos

políticos negros, com consciência da especificidade – bem como da radicalidade – de suas pautas, que tinham caráter racial. As entrevistas flagraram o que consideramos como dois modelos de socialização política, ainda que ambos tenham sido fortemente impactados pela subjetivação política de 2013. Um modelo, vivido pela maioria de quem entrevistamos, referenda a princípio teses clássicas da socialização política, apontando a influência decisiva da família e da sua posse de capitais político, cultural e econômico nas chances de engajamento em partidos e movimentos. Outro modelo, vivido por uma minoria considerável, foi denominada, sob o impacto das Jornadas, como uma formação política pela vida, por meio do “sofrimento carnal” experimentado com o racismo e a discriminação.

Estes dois modelos de socialização política – a transmissão do capital político da família e o “sofrimento carnal” –, do ponto de vista formal, tendem a constituir dois formatos de atuação política pregressa: o primeiro modelo se relaciona com a atuação na política institucional (partidos e cargos eletivos); o segundo, com a atuação em movimentos sociais e coletivos menos institucionalizados. As trajetórias de quem entrevistamos, ainda que em parte tenham corroborado esta correlação entre modelos de socialização política e formas de atuação política, entretanto, vieram por demonstrar que os formatos de atuação política – militância partidária e ativismo em movimentos – podem vir, ao longo do tempo, a se combinar e se alternar nestas trajetórias.

Referências

ANDRÉS, Roberto. Mover-se por classe, gênero e raça. In: ____ **A razão dos centavos: crise urbana, vida democrática e as revoltas de 2013.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. p. 241-252.

CAVA, Bruno, COCCO, Giuseppe, (Org.). **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou.** São Paulo: Annablume, 2014.

CERQUEIRA, Jéssica; THÂMARA, Thamyra. Junho, e a juventude negra? **Nueva Sociedad.** Especial em português, 2014, p. 27-36. Disponível em: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/3_Cerqueira_EP.pdf. Acesso em 30 jan. 2024.

GROPPO, Luís A. et al. **Coletivos juvenis na universidade e práticas formativas: política, educação, cultura e religião.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MOVIMENTO MULHERES NEGRAS DECIDEM. Mulheres negras nas jornadas de junho de 2013. **Gênero e Número.** 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www.generonumero.media/artigos/mulheres-negras-junho-2013>. Acesso em 11 dez. 2023.

NUNES, Paula. Sobre Junho de 2013 e movimento negro contemporâneo. In: ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria (Orgs.). **Junho: a rebelião fantasma de 2013.** São Paulo: Boitempo, 2023, p. 37-47.

ROSA, Roberta Soares da. **Pedagogia dos movimentos sociais**: as manifestações de 2013 como espaço de aprendizado. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015, São Leopoldo, 104 f.

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3824>. Acesso em 10 mar. 2022.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

SANTARÉM, Paulo Henrique da Silva. **A cidade Brasília (DF)**: conflitos sociais e espaciais significados na raça. Dissertação (mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2013, 158 f.

THÂMARA, Thamyra. Rio de Janeiro. Junho Preto: Favelado ocupando as ruas. In: MORAES, Aline et al. (orgs.). **Potência das ruas e das redes**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2014, p. 157-176.

TOMIZAKI, Kimi; SILVA, Maria G. Valdivino; CARVALHO-SILVA, Hamilton H. de. Socialização Política. **Educação & sociedade**, v. 37, p. 929-934, 2016.